



○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

Tal como agora, foram alguns padres e a fidelidade dos indígenas quem defendeu Timor da sanha dos invasores logo a seguir à crise de 1580 que anexou Portugal a Castela. Invasores que dantes se chamavam holandeses e hoje têm o rótulo de indonésios. Só em 1859, passados 347 anos após a sua possível descoberta (1512?), a Holanda e Portugal fizeram um tratado de delimitação das fronteiras, ficando o nosso país com a parte de Timor situada a leste de uma linha traçada de norte a sul do território do continente, desistindo Portugal das outras ilhas do arquipélago.

Mais tarde a Holanda abdicou da sua parte quando os ventos da modernidade concitaram os povos autóctones a tomarem em suas mãos o cajado da independência.

Portugal ficou com o seu Timor, mas a Indonésia no fundo da sua identidade, jamais deixou de vociferar: **Delenda est.**

Até que, em 1976, com a alvorada do 25 de Abril e o consequente período de euforia e instabilidade política que se seguiu, ocupou pura e simplesmente o Timor que era português. Não deu ao povo maubere a oportunidade de se tornar independente como aconteceu ao restante império colonial português. Invadiu o território e apoderou-se dele.

Seguiu-se depois todo um poema de heroidade, durante uns já longos anos, cantado por um povo mártir que prefere ser exterminado, tal como outrora os habitantes de numância, a abdicar de ser ele próprio o senhor do seu destino.

NO RASTRO DO OURO

A comunidade internacional, incluindo a Santa Sé, virou costas a este povo que lutava e morria pela sua independência. Inocentemente (?) extemporâneo, João Paulo II, numa altura de autêntico genocídio praticado algures, na ilha da Insulíndia, visita Shuarto, o novo

Estaline, o novo Hitler, o novíssimo Sadat Hussein dos tempos modernos, dá-lhe a sua benção, purifica-lhe o gládio exterminador de milhares de patriotas, tenta apagar-lhe o labéu de infame com que a História o rotulou já.

Seguiu o princípio do maior número, na esteira de outros seus antecessores: há maior número de cristãos na Indonésia do que em Timor. Logo... Felizmente que Deus não dorme e através de um desconhecido repórter, o Papa viu, e se não viu foi porque não quis, como se assassina um povo na indefesa e ingénua atitude de rezar. Ainda assim algumas coméras palavras foram-lhe arrancadas a ferros.

Quanto aos outros países e antes que se conheça o processo da fusão do atomo, eles partem ou assentam a sua praxis no pressuposto de que o petróleo é o fundamento ético do Direito Internacional.

Aconteceu já no caso do Koweit que, se repararem bem, teve atitude análoga: seguiram o rastro do ouro negro.

Um acesso de muita simpatia e total solidariedade para D. Ximenes Belo, arcebispo de Dili e seus acólitos, e ainda para todo o povo de Timor-Leste.

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

PROFESSOR DOUTOR HIPÓLITO REIS

«É pá, vocês lá em Fão têm um indivíduo excepcional», dizia-nos há três anos o Eng. Manuel Ribeiro, referindo-se ao doutor Hipólito Reis, mais conhecido entre nós por doutor Cândido Reis, após o ter ouvido numa conferência alusiva ao tema «O ensino universitário» no «Dia das Comunidades».

Não nos provocou qualquer surpresa, pois já conhecíamos o valor intelectual do conterrâneo em causa. Como se trata do primeiro catedrático natural de Fão, sempre o tivemos em mira para o colocarmos na secção dos perfis. Na altura, ou talvez antes, abeiramo-nos de um seu familiar solicitando-lhe dados biográficos deste ilustre fangueiro; não achamos, porém, da parte do interpelado, o interesse bastante para levarmos em frente o nosso propósito.

Reservámos então a nossa ideia para uma data posterior, pois, no livro que a seguir pretendemos publicar não ficaria completa a lista dos fangueiros diferentes sem o nome do Prof. Doutor Cândido Alves Hipólito Reis. Dá-se até com ele uma situação excepcional: tendo chegado ao tope da sua carreira, merece já, e por isso mesmo, a sua inclusão na galeria dos perfis. A este conterrâneo, exactamente como aconteceu com o General dr. Eduardo Teixeira, não se pergunta o que fez de notável ou de singular, mas sim até onde chegou. O posto adquirido é já, de por si, um emblema de distinção, embora se esperassem concertiza outras realizações desencadeadas a



O PROFESSOR DOUTOR HIPÓLITO REIS
(Visto por António Carlos Esteves)

partir (e por causa) do posto alcançado. Efectivamente, o doutor Cândido Reis não embaciou essa perspectiva: podemos com efeito asseverar que o seu nome é credor nos meios científicos, tanto nacionais como internacionais, de grande respeito e consideração exactamente pelas investigações a que se tem dedicado com relativo grande sucesso. Não há dúvidas que também é um erudito, mas firma-se sobretudo como investigador, um homem que alarga os campos das certezas científicas, porque ensaia, aventa hipóteses, confirma-as ou não com experimentações e finalmente altera ou avança com novas teorias. Não nos admira o espanto e admiração do eng.º Ribeiro pois os familiares, alunos e colaboradores do doutor Hipólito Reis sabem que tudo o que ele diz, escreve e ensina é ba-

(Continua na pág. 2)

PAGAMENTO DE ASSINATURAS

Há muita gente que não se resolve a pagar o jornal. São mais de metade dos assinantes que não tem a ombridade de o mandar devolver. O certo é que o jornal está a dar um prejuízo ainda suportável por mês. Isto é como a poluição do rio Cávado: ainda não atingiu os níveis de periculosidade (leia-se insuportabilidade). E muita gente até costuma ultrapassar a tabela.

Senhor assinante: se não deseja pagar ou receber O Novo Fangueiro, devolva-o. Assim, a gente já sabe com o que conta. Não esqueça, porém, que este jornal é mais uma instituição da terra. Ajude-o.

PROFESSOR DOUTOR HIPÓLITO REIS

(Continuado da pág. 1)

seado no rigor sólido de onde emergem as profundas convicções, quer no campo científico quer na sua praxis cívica.

TEMPOS DE JOVEM

Já nos tempos de Liceu ele se destacava não só pelas notas conseguidas mas também pela sua postura em relação à idade que apresentava. Fomos contemporâneos na adolescência e, no remanescente que ainda perdura na nossa memória, descobre-se um Cândido já posicionado de uma maneira diferente de todos nós. Nós, os outros, gostávamos de jogar à bola, à bilharda no «campinho», andar de bicicleta e passear de barco no rio. O Cândido partilhava connosco de todo esse lazer. Só pedia que o fôssemos chamar a casa, pois o seu «habitat» normal era ler, sentado a uma cadeira e defronte a uma mesa. Era nessa posição que sempre o encontrávamos. No fim dos nossos passeios, o resto da «malta» continuava num passatempo lúdico, e o Cândido



Tone Canuda, Solinho, o falecido Néné, o futuro Director de «O Novo Fangeiro», o Cândido e o Umberto (Fão 27-11-1947)

voltava à sua mesinha de trabalho. Com uma certa vergonha confessamos que ele nos levava em maturidade uns bons anos de avanço. Aquilo que hoje fazemos com gosto, que é ler e escrever, ele já o praticava nos seus tempos do Liceu. cremos que foi por iniciativa sua que fundámos uma espécie de associação cultural onde trocávamos impressões e discutíamos ideias. Alguns de nós apresentávamos escritos, contos, preocupados sobretudo com a beleza da forma. Se pudéssemos arranjar uma palavra cara, tanto melhor. Foi nessa altura que o Humberto leu um conto elaborado por si onde, a páginas tantas dizia: «e a criança com as mãos estagnadas...» Houve pois uma certa preocupação cultural da parte desse grupo. Ecrevíamos cartas uns aos outros, quando estávamos distantes, pois claro, mas só o Cândido levava a coisa a sério e por isso desistiu. Não tinha interlocutores demasiado interessados.

Da sua vida de estudante liceal vai dar-nos um testemunho um seu companheiro de estudos, Vasco Lobo Xavier, hoje catedrático de Direito na Universidade de Coimbra. Esclarecemos que estes dois antigos estudantes do Liceu Nacional de Braga, atingiram as melhores notas do sétimo ano, um em ciências e outro em Letras: 17 valores.

O ESTUDANTE LICEAL DE BRAGA

Ouçamos o doutor Vasco:

«Cândido Hipólito Reis e eu fizemos a par os nosos — já longínquos! — sete anos de estudos secundários, no Liceu que então se chamava Sá de Miranda e depois, ainda no nosso tempo de estudantes, Liceu Nacional de Braga.

Lembro-me do Cândido logo nos princípios desse «seprato» — ainda sem poder adivinhar que, ao longo dele, nos tornaríamos grandes amigos e companheiros — e recorro que, nesses primeiros tempos, o traço que o individualizava na turma era a sua ligação, sempre invocada, à terra natal — a Fão, com que o estudantinho, tão menino saído da paisagem familiar para a capital do distrito, se identificava estreitamente. Mas vim a intuir que, entre aquelas dezenas de rapazes, ele se distinguiu da vulgaridade; e logo nos primeiros anos começámos a juntar-nos e a tornar-nos companheiros de conversas, deambulações e de estudo, sobretudo nalgumas matérias de maior interesse ou dificuldade.

De modo que posso agora dizer que estive em condições de presenciar de perto, no decorrer de bastantes anos, o desabrochar numa criança, num adolescente (como eu era também) de uma personalidade intelectual e moral. Refiro-me ao surgir do brio escolar, ao despertar de interesses intelectuais diversos e ao gosto pelos livros e pelas leituras variadas, ao aguçar do espírito de observação e do humor, ao aperfeiçoar do sentido estético (que nele se traduzia, recorro, logo na caligrafia, cedo emancipada do molde banal...).

Os estudos em comum não os cessámos de todo, mesmo quando, feito o exame do 5.º ano, cada um enveredou pela «especialidade» da sua preferência: ele, que sempre se distinguiu em matérias como as Ciências Físico-Químicas e as Ciências Naturais e que cedo decidira votar-se à Medicina, para a alínea que para esta encaminhava, no Curso dito complementar; eu, para a alínea de Direito, no ramo chamado de Letras. Não os cessámos de todo, dizia eu, porque muitos dos capítulos da Filosofia — cadeira então obrigatória em todos os ramos do curso complementar — os estudámos juntos (e com proveito meu, já que os interesses e preocupações do Cândido não se satisfiziam com o novo conhecimento do compêndio adoptado).

Olhando hoje para trás, posso dizer que em 1950 — quando terminámos a nossa vida académica — Hipólito Reis havia já amadurecido um conjunto de qualidades (capacidade de trabalho, método e disciplina mental, gosto pela reflexão e pelo aprofundamento) que o tornavam apto a dar uma excelente conta de si na Universidade — como todos sabem que veio efectivamente a dar, embora isso já saia do que pude testemunhar directamente. E frisarei ainda que, noutro plano — e não é o que menos importa — o jovem estudante não se havia alheado, muito pelo contrário, do mundo dos valores e da força de uma crença e de um ideário.

V. G. Lobo Xavier

O INVESTIGADOR

O Cândido licenciou-se em Medicina e Cirurgia da U. P. com 17 valores e à dissertação da licenciatura foi atribuída a nota máxima: 20. Doutorou-se em 1971 com 19 valores.

Dis o Professor Daniel Serrão:

«O Prof. Hipólito Reis foi meu aluno e é meu colega, meu amigo e meu mestre.

Como aluno reconheci-lhe uma apurada inteligência e uma profunda capacidade de reflexão para além da aparência das coisas. Trabalhei com ele na elaboração da sua tese de licenciatura e não esqueço as muitas horas de convívio intelectual sempre enriquecedor.

Como professor universitário, Hipólito Reis é uma figura singular — de docente consciencioso e empenhado e de investigador exigente e minucioso, na área que cultiva que é a bioquímica; as suas argumentações públicas são brilhantes, seguras, incisivas e de uma alta qualidade científica e intelectual.

Honra-me tê-lo como amigo; e se lhe chamo mestre é porque a sua profunda reflexão sobre o ho-

mem, em especial o homem português, e sobre o mundo, em particular o mundo que o português criou, são permanente lição para todos nós, pela dignidade intrínseca e pelo civismo consciente que informa essa reflexão.

A postura serena de Hipólito Reis, a sua natural aversão a protagonismos fictícios ou meramente espectaculares e o seu consciente alheamento das manifestações superficiais de uma cultura do oportunismo, dificultam o reconhecimento, pelos outros, das suas invulgares qualidades de inteligência.

O privilégio do convívio fraterno autoriza-me a garantir que Hipólito Reis é um dos mais inteligentes, mais sabedores e mais cultos professores da nossa Universidade do Porto.

Daniel Serrão

TRABALHOS REALIZADOS

O Doutor Hipólito Reis enveredou mais pela investigação e nesse sector os trabalhos publicados adquirem repercussão internacional. Vejamos aspectos parciais desse cur-



Na praia. Sentados: Albino Campos, Armando Saraiva, Lourival (falecido), Umberto e Albino Viana (falecido). De pé: Cândido, Alípio (falecido) e Tião. (Fão - 1947)

riculo: publicou só, ou de pareceria com outros colegas, até 1979, 36 trabalhos com incidência variada: *Lesões Hépáticas, Jejum e administração de leucine - Estudo experimental no rato; Pré-diabetes - Discussão do conceito; As actividades fosfáticas alcalinas em Obstétrica, Colecistite aguda, Indução enzimática e anestesia, Bills e ácidos billares, ácido fólico, etc.* Para não se tornar fastidiosa a leitura, omitimos outros estudos, estudos que foram publicados quer em revistas nacionais quer em estrangeiras. Chamamos a atenção para o facto de tais estudos terem resultado de experiências feitas em laboratório, o que quer dizer que no campo da ciência investigativa tais estudos não representam erudição mas sobretudo um esforço experimental. Representam ciência pura ou acrescentada. Tomou parte em várias reuniões e congressos a que assistiu e apresentou trabalhos ou a que enviou comunicações, quer em Portugal, quer no estrangeiro, nomeadamente em Espanha.

É sócio titular das seguintes sociedades científicas: Sociedade Portuguesa de Endocrinologia, Sociedade Portuguesa de Bioquímica, Sociedade Portuguesa de Hidrologia Médica, The Biochemical Society (London), American Association for the Advancement of Science (Washington) e Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa.

Esteve como bolseiro do Instituto de Alta Cultura, desde 1 de Março de 1966 a 30 de Abril de 1974.

Atribuída pelo Ministro da Educação Nacional, beneficiou de uma bolsa de estudo fora do País, que lhe permitiu realizar um estágio em Madrid, de 1 de Fevereiro a 3 de Março de 1967, no Instituto Gregório Marañon (Prof. J. L. R. Candela) do Centro de In-

(Continua na pág. 11)

DE APÚLIA

APÚLIA E O SEU BANCO — Parece que vai muito bem «lançada» a Delegação que o Banco Fonseca & Burnay, abriu em Apúlia, não há muitos meses. O seu movimento financeiro terá superado todas as expectativas, mesmo as mais optimistas. Para isso muito terá contribuído o nome sólido daquela Instituição Financeira. Mas outros factores também terão ajudado a esse êxito, como será o caso, em nossa opinião, da escolha feliz dos Funcionários que ali foram colocados, ambos conhecedores e conhecidos do meio, bem relacionados na terra, e bons profissionais.

Pois agora (e isso estará na razão do seu crescimento), aquela Dependência Bancária, acaba de ser melhorada com o aumento de mais dois bons Funcionários, vindos da Delegação de Esposende, o Mariz, e o Emídio Real, este último um conhecedor razoável do meio onde é colocado como Sub-Gerente, com responsabilidades acrescidas, portanto.

Desejamos-lhes muito trabalho. E felicidades.

ÁREA DE PAISAGEM PROTEGIDA — Pelo que sabemos, é de sua iniciativa o calcetamento e arranjo de todo o espaço arenoso a nascente da Estreda da Bonança, do Centro Social João Paulo II até aos restaurantes de Cedovem, já em fase de acabamento. Trata-se de um melhoramento muito útil para o estacionamento de viaturas nos meses de verão. A zona fica substancialmente melhorada, pois o serviço está a ser muito bem feito e foi projectado com muito gosto. E acerca disso, podemos garantir, não há duas opiniões.

INFANTÁRIO — Todos o reclamavam. E de há muito. Era uma das necessidades prementes da terra, dizia-se. Fora promessa de algumas eleições, mas só agora foi conseguido. O Infantário em Apúlia, vai ser mesmo uma realidade, a partir de Janeiro do próximo ano. Para já, porque não é possível fazer-se tudo duma só vez, em casa alugada, mas novinha em «fólhe», bem centralizado, mesmo ali ao lado da grande maioria dos que eventualmente virão a beneficiar dele, em pleno Largo do Cruzeiro.

As pessoas que meteram as mãos à obra, foram incansáveis. Teve de ser criada uma Associação que servisse de suporte legal para o seu funcionamento. Eleger Dirigentes e... trabalhar. Durante muitos meses tiveram que bater a muitas portas, e dispendir muitas horas do seu esforço em prol da Comunidade. Foram muitos os apulienses que se dedicaram de alma e coração a esta obra tão necessária, à frente dos quais, e sempre na primeira linha estiveram, as Senhoras D. Maria Emília Mariz Figueiredo, Professora D. Clárminda Moreira Fernandes Cruz, e António Casado Neiva.

É possível que o seu esforço e o seu trabalho venham a ser reconhecidos e enaltecidos. Mas,

para já, entendemos que não estão a ser devidamente compensados, se nos lembrarmos que Apúlia tem centenas de crianças, e que as inscrições andam só pela meia centena.

Mas as instalações, provisórias, também não dariam para muitos mais.

SANEAMENTO BÁSICO — Prosseguem em bom ritmo os trabalhos para a importante obra de saneamento básico, com que Apúlia está a ser dotada. A obra é grandiosa e necessária para o melhoramento das condições higiénicas de Apúlia, que se diz (e em parte é), vocacionada para o turismo. Nas principais ruas de Apúlia estão a ser abertas gualgueiras com mais de um metro de profundidade, por onde passará a encaiação que transportará as águas residuais e a das chuvas até à ETAR (estação de tratamento) que vai ser construída ali para os campos do «Joaquim», e que já terá sido adjudicada por perto de uma centena de milhar de contos. Como não há bela sem senão, claro que as ruas estão intransitáveis ou enlameadas. Mas o melhoramento vale bem os sacrifícios.

NATAL — Os dias e os meses sucedem-se com uma rapidez impressionante! Ainda ontem foi Natal, e já outro espreita por entre as brumas de um velho ano, que até nem terá sido assim tão mau. Não para todos. Mas sempre assim foi e sempre assim será. Não tenhamos ilusões.

Natal, significa festa, alegria, convívio, abundância, paz. Significa, não dá. Nesse dia, frio, quantos terão as lareiras sem lenha, a arca sem pão, o coração sem alegria. Quantos não continuarão marginalizados, pela sociedade, pela doença, pelas condições sociais, pelas famílias.

Natal, dia de paz, dia da família. Que o seja, ao menos nisso, para todos.

MONTRAS

Não haja dúvidas que muitos comerciantes de Fão começaram a ter mais cuidado com as suas montras. Há-as bonitas, cuidadas e com bom gosto.

Para a quadra que se avizinha ou em que nós já estamos mergulhados não seria oportuno fazer um concurso de montras alusivas ao Natal?

Mais uma vez Fão daria uma mostra do seu bom gosto e em termos de comércio a iniciativa não seria despendiosa.

CARTAS AO DIRECTOR

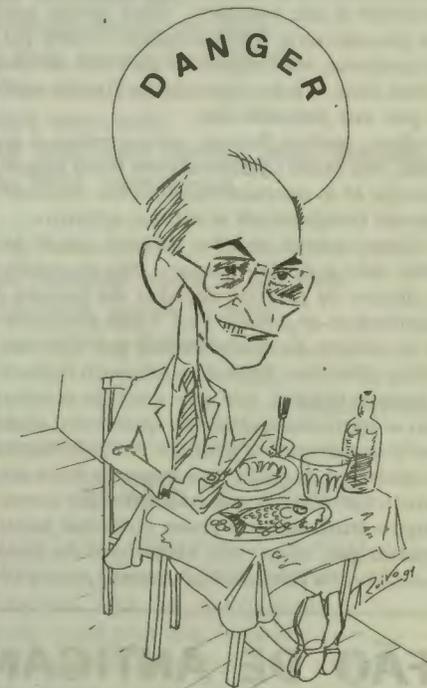
Eu sou um esposendense, entendendo-se como tal, ser nascido e criado no concelho. Vi um exemplar de O Novo Fanguero e li um texto que me encantou: foi o «danger». O mestre Agonia desafia a *insustentável leveza dos oitenta e...* O que mais me agradou, surpreendeu, espantou foi um homem com 84 anos, sem conhecer uma palavra de alemão, convidar ou ter a lata de convidar duas *fraus* para irem a sua casa. E elas foram e estiveram com ele hora e meia.

Chissa! É d'homem!

Eu convidava a ilustre Junta de Fão a propôr o nome do sr. Agonia para o Guinness.

Chissa! Homens destes já não há!

Assinatura irreconhecível



TECIALGO

TINTURARIA E ACABAMENTOS TÊXTEIS

R. SENHORA CAMPANHÃ — 4000 PORTO
TEL. 572829 - 567022 - 572574 — TELEX 23392 — FAX 5100734

Somos possuidores da Melhor Técnica de Serviço a nível Europeu

Possuímos secções equipadas com o que há de mais evoluído

- TINTURARIA DE MALHAS E TECIDOS
- ACABAMENTOS RÁMULAS
- CALANDRAS
- MERCERIZAÇÃO DE MALHA
- COMPACTAÇÃO DE MALHAS
- CARDAÇÃO — MALHAS E TECIDOS
- LAMINAGEM — MALHAS E TECIDOS

A BRASILEIRA
PORTO

Nós somos café

ÁFRICA, ADEUS (22)

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

(Continuado do número anterior)

— Minha senhora, eu e os meus colegas não passámos de Vista Alegre. A coluna lá seguiu para Kambamba, e sei que de lá seguirão para Aldeia Viçosa. É natural que vão à sua fazenda pois fica perto da estrada. Mas eu não lhe posso garantir nada.

«Eu sei, afirmou a senhora, que o meu marido esteve em Aldeia Viçosa no dia dezassete de manhã, e que, ao saber do que se estava a passar, resolveu ir à Fazenda buscar o empregado e que ao sair de Aldeia Viçosa foi atacado, mas que o carro continuava viagem. Não se sabe se alguém seria ficado ferido. Isto foi-me contado pelos habitantes de Aldeia Viçosa.»

«Pois, minha senhora, a verdade é que a senhora sabe mais do que eu, e acrescentei: «se eu tivesse tido conhecimento disso, teria pedido ao comandante para lá irmos. Assim como deve compreender... O que prometo à senhora é que da próxima vez que vá lá acima, farei todos os possíveis para procurar encontrar o seu marido». «Mas ainda não sabe quando será, não é verdade?» «Sim, minha senhora, mas suponho que não levará muitas dias. Tudo depende do apito militar que nos passam dar.»

«Bem, senhor Ramos, acrescentou a senhora, «eu volto cá depois com mais vagar. Desculpe tê-lo massado nesta hora, mas certamente compreende a minha aflição.»

«Com certeza, minha senhora, eu só lamento não a poder ajudar». Ela despediu-se, desceu os poucos degraus da escada e encaminhou-se para a rua, onde desapareceu no escuro da noite. Fiquei por uns momentos silencioso fixando o olhar no infinito do espaço sideral, até que uma de minhas filhas se aproximou dizendo: «paizinho, anda para a mesa. vamos jantar». Na sala havia um aparelho de rádio que naquela hora dava notícias, mas as que os órgãos da comunicação transmitiam eram colhidas junto daqueles que, como nós, chegavam da zona de conflito. Os verdadeiros dramas foram vi-

vidos por aqueles que nunca os puderam cantar. Como tal, nunca foi notícia.

No entanto a rádio informava de que Carmona, Negage, Damba, etc, pediam socorros, socorros esses que não havia em Angola e também que o governo de Lisboa não estava na disposição de enviar.

Pouco depois de ter terminado a refeição, regressi ao quarto com a minha família. As nossas filhas tiveram que dormir no mesmo quarto que eu, pois não os havia suficientes para aquela situação de emergência.

Depois de as crianças terem adormecido, disse para minha esposa: «Querida, seria melhor tu e as meninas irem para Portugal. Bem sabes que eu tenho que voltar a Vista Alegre e lá estarei preocupado com vocês aqui. Tenho receto que vos aconteça alguma coisa de mal na minha ausência. Vê se me compreendes! «E porque não vens também connosco?» perguntou minha esposa. «Como pensas que me sentiria em Portugal, sabendo que tu estás em perigo? Não vês que ainda seria pior para mim? Vamos todos embora e acabou-se. Ainda somos novos e recomeçaremos a vida noutra lugar. Não vês tantas outras com enormes fortunas aqui, e que partem para Portugal, deixando os empregados a tomarem conta do que é deles. E porque não vás de ir tu também?»

Fiquei pensativo por uns momentos e depois respondi: «bem sabes, eu não tenho coragem de abandonar o velho Fausto numa situação destas. Ele não merece e não seria justo deixá-lo só agora.»

«Pois, eu não vou para Portugal sem ti», afirmou minha esposa: «Vamos dormir e depois combinamos isso melhor», respondi. Passado algum tempo, minha esposa adormeceu, mas eu não consegui dormir. Minha esposa tinha razão: porque é que eu não me ia embora para Portugal, se havia tantos com mais obrigações que eu para ficar e partiam?

A verdade é que eu não tinha vontade nenhuma de partir. Apenas queria a família

em segurança. «Mas o que é que se passa comigo? — perguntava a mim próprio: «que força estranha me estava a agarrar a esta terra?... O que é?... Será?... Oh... Não pode ser! Nesse momento lembrei-me do Mukixe. Quantas vezes as velhas indígenas me diziam: «Ramos, quando fores a Kambamba não olhes para o Mukixe, senão ficas cá; não vais mais para a tua terra.»

À entrada da povoação de Kambamba existe um morro bastante alto que é o ponto mais elevado da região. Só tem acesso ao cume do lado Norte; o lado Sul é uma falésia abrupta de uma boa centena de metros de altura; dizem os velhos que os condenados eram levados lá para cima pelo lado Norte, e, depois de um ritual, eram lançados no abismo.

Este morro é ainda hoje sagrado para os naturais, e quando um indígena jurasse pelo Mukixe cumpria sempre o que jurava. Hoje, a estrada que liga Kambamba passa no sopé do morro por baixo da falésia, o que torna impossível, para quem passe, não olhar para o Mukixe. Nós, os europeus, não acreditámos nessas forças ocultas, mas quando se falava com um velho colono residente na região há quarenta e mais anos, e se lhe perguntássemos a razão de tão longa permanência, ele, à laia de graça, respondia: «Cheguei, olhei para o morro de Kambamba e jamais pude deixar esta terra.»

Tudo isto parecia não ressentido mas a verdade é que eu me sentia preso ao lugar, sem encontrar forças para me libertar.

Assembleia do Hospital

No dia 24 do mês transacto realizou-se na Sala de Sessões do Hospital uma assembleia geral com vista à aprovação do orçamento para o ano de 1992, aprovação de contas e eleição dos novos corpos gerentes.

Os irmãos da Santa Casa reelegeram para Provedor Celestino Cubelo Moraes.

O Conselho Fiscal será presidido pelo dr. Albino Campos e a Assembleia Geral manter o mesmo Presidente: Carlos Palma Rios.

O orçamento previsto para 1992 vai atingir as centenas de milhares de contos.

Como vamos de Futebol?

Mal, muito mal. A causa está à vista. Os clubes primidiovisionários da A.F. de Braga estão a apetrechar-se com jogadores que já pedem um balúrdio. Não vai em cantigas, mas também não vai em futebois. Gasta só o que tem e que já ultrapassa uns milhares ao fim de um ano.

Para uma assembleia a realizar no domingo passado, dia 8, foram convidadas várias entidades. Ninguém apareceu.

Estamos mal, muito mal.

Arquitecto Pádua Ramos

Pelo falecimento de seu pai Aníbal Pereira Ramos, ocorrido no dia 20 de Novembro, encontra-se de luto o nosso amigo arquitecto Luís Padua Ramos.

A toda a família enlutada O Novo Fangueiro envia sentidos pêsames.

FÃO DE ANTIGAMENTE



Foto Guilmar dos
Fão

Há 40 anos no «Camplinho». Família Fernandes, à frente, família Ainoga atrás e o futuro genro

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Como o tempo passa! Ainda há tão pouco era tempo de praia e já anda no ar um cheirinho às rabanadas do Natal! Oxalá que todos o vivam em paz e alegria e que o novo ano traga muita ventura, êxitos no trabalho e, principalmente, o maior bem: Saúde e Paz.

JANELAS... JANELAS... JANELAS...

Por TERESA

(Continuado do número anterior)

Imaginei-me numa grande cidade e vi-me lá no alto de um enorme arranha-céus, onde não teria parapeito e onde ninguém pensaria sequer debruçar-se para não ter vertigens. Mas afinal eu nem janela seria. Seria só vidro, vidro duplo, vidro escuro, resistente para não deixar entrar o meu querido sol quentinho, com toda aquela sua força e garrida. Estava eu a pensar na minha tristeza por ser só vidraça, quando, ao olhar para baixo, vejo um aparelho esquisito a subir, a subir, sei lá como. Abanei a cabeça várias vezes para ter a certeza que não estava a ver mal e mais espantada fiquei quando vi dois homens sentados naquele baloiço, como que perdidos no vazio e o meu coração quase ia deixando de funcionar, tamanho foi o susto... mas depressa percebi que eles eram meus amigos. Não tinham parapeito para se debruçarem, mas eles não estavam ali para olhar, para pensar, para sonhar. Eles vinham trabalhar, vinham lavar-me a cara para eu poder olhar lá para fora, menos embaciada, com menos poeira e menos sujidade e ver o mundo interior daquele prédio com mais alegria, menos mecânico, menos frio, menos matemático e competitivo atrás daquelas secretárias, daqueles computadores, daqueles homens e mulheres com rostos cansados, fechados, sem tempo muitas vezes para sorrir, para dar a mão uns aos outros, para olharem para o lado e quantas vezes para eles mesmos...

Realmente não me sentia nada feliz ao pensar que poderia ser uma daquelas janelas, que nem madeira tinham e onde só havia alumínio... alumínio... mas lá no fundo uma luzinha me animou e me levou a pensar que eu na verdade não sabia o que era uma janela triste.

Foi então que eu me lembrei de pensar como seriam as janelas que nem casa tinham. Será que seriam tristes e felizes?

(Continua)

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

Impetus 

PAUSA PARA SORRIR

Um cavalheiro gostava muito de sua esposa, mas pouco de sua sogra, que era uma senhora muito faladora, raramente dando oportunidade aos outros de se fazerem ouvir quando estavam em convívio com ela.

Quando a palradora senhora faleceu, o genro participou ao patrão o facto da forma seguinte:

— Senhor Fonseca, lamento informá-lo de que minha sogra *deixou de falar* hoje, às duas horas da madrugada...

★

Um cavalheiro desloca-se, de comboio, a uma cidade do Sul do país, para tratar de negócios.

Passados alguns dias, é atacado de doença súbita e morre.

Avisada a viúva, esta dirige-se imediatamente para o local e enceta diligências para trasladar o corpo para a cidade onde viviam.

Indignada com o preço que lhe pedem para o fim em vista, a senhora exclama:

— Isto é um escândalo! Tanto dinheiro para o meu marido regressar à nossa terra, quando, afinal, ele viajou para cá com bilhete de ida e volta!...



Desenho de ISABEL M.

PADRÃO DO POETA

O Poeta vive
Procura, encontra, descobre,
Tenta entender.
Tenta definir.
E sonha acordado.
Pensa e inventa
E ignora o Mundo.
Tem o pensamento
Leve e livre.
Exprime-se, convive.
Mas cria um Mundo só seu.
E, sobretudo, o Poeta sente.
Sente a vida e os acontecimentos.

E o Poeta rabisca,
E imagina,
E inventa,
E escreve.
E procura o seu prémio
Na expressão sincera
Dos sentimentos que
Pretendia provocar nos outros.
O Poeta desperta a sensibilidade.
Todos somos Poetas.
Todos somos assim.
Uns falam, outros escrevem, outros gesticulam.
Uns vivem, outros morrem.

E os Poetas vivos e os Poetas mortos juntos,
Não conseguem reparar os seus erros.
E matam-se, magoam os outros
E assassinam a Natureza.

MARTA (15 anos)

VALE A PENA

Vida, mundo! Amor, amar!
Viver é belo, é belo amar!
Tantas são as perguntas
que gostaria de fazer!
Dessas tantas, poucas são,
às quais respostas posso ter.

Não pergunto, observo,
e consigo perceber
que vale a pena a vida!
O quão é bom viver!
Então vive, sê feliz!
Rejeitando a solidão,
encontrarás a felicidade, amigo
encontrarás felicidade, «irmão»!
Vive a vida pouco a pouco,
não a tentes entender.
Se assim tu o fizeres,
certamente irás dizer:

vale a pena a vida,
vive por prazer!
Vale a pena a vida,
se amas viver!
Grita para o mundo,
mesmo sem falar!
Vale a pena a vida,
no gesto de amar!

CECÍLIA FONSECA

EXPOSIÇÃO DE PINTURA NAIF EM GUIMARÃES

Inaugura-se no próximo dia 16, sábado, pelas 16.30 horas, no Paço dos Duques de Bragança em Guimarães, uma exposição colectiva de pintura «naif», em que são apresentados os primeiros trabalhos oferecidos para o «Museu de Arte Primitiva Moderna» a instituir em Guimarães por iniciativa do Município desta cidade, é dado o primeiro passo para que, tão breve quanto possível, este novo Museu, único em Portugal, seja uma realidade.

A Arte Primitiva Moderna, designação largamente adoptada, ou Arte «naif», que acolhe o consenso de outros, assume hoje uma importância cada vez maior em todos os países como expressão das mais autênticas da Arte Popular na sua pureza, na ingenuidade das suas fórmulas, na beleza e na poesia que muitos desses trabalhos deixam transparecer.

Esta exposição reúne 62 trabalhos oferecidos por 49 artistas portugueses e espanhóis, que quiseram doar ao Museu de Guimarães, as obras de melhor qualidade produzidas por esses autores, que são os seguintes: A. Réu, Albino José Moreira, Ana Legido, António Dionísio Neca, António Lima Viana, Augusto Pinheiro, Bento Sargento, Blanca Sagastizabal, Charo, Eduardo Mendes, Elísio Moreira, Elza Filipa, Eufigénio, Estrela Santos, Fernanda Mourão, Fernando Costa, Francisco Criado, Frederico Basto, Gamboa, Geny, Guilhermina Moreno, Inês Arias, Isabelino, Ivone, J. B. Durão, Jorge Gomes da Costa, Juan Guerra, Lisa, Ló Garizo do Carmo, Luis Vieira, Luiza Caetano, M. Carvalho, Manuel Arce, Manuela Quiñones, Maria Alice Fernandes, Maria Antónia Gomes, Maria de Jesus, Maria Teresa Antolin, Mário Vinte E Um, Mercedes Barba, Paula Malveiro, Paula Vieira, Sérgio Fonseca, Silvana, Silvestre F. Dacosta, Silva Vieira, Teresa Pinto Coelho, Ucafonso e Hupa Vierxa.

A Comissão Instaladora do Museu congratula-se com a iniciativa da realização desta exposição que certamente ajudará a sensibilizar as pessoas do «interland» vimaranense para o significado da decisão do Município de Guimarães ao pretender dotar aquela cidade com um Museu que muito virá valorizar o seu património cultural.

Os trabalhos expostos e agora formalmente entregues ao Município de Guimarães pela Galeria de Arte do Casino Estoril, que tem estado a coordenar a campanha de oferta de quadros para o Museu, atingem o valor de cerca de 9.350.000\$00.

Registe-se, desde já, a oferta de mais 35 trabalhos de artistas espanhóis, que será realizada com a colaboração do Director do Museu de Pintura «naif» de Jaén (Andaluzia),

D. Manuel Urbano, como contrapartida da entrega que há dois anos foi feita ao referido Museu de outros tantos trabalhos de artistas portuguesas, pela Galeria do Casino.

Esta exposição ficará patente ao público até 8 de Dezembro das 14.00 às 19.00 horas.

CULTURA ADEUS...

Diz-nos Fão, baixinho,
Os meus tratos que te infligiram!

...ao ouvido de todos nós
As feridas que te fizeram
Úlceras que tanto te doeram
Desde os tempos dos avós.

Divalga-nos Fão, baixinho,
Onde jazem teus antigos pálios?

E as maquinas, rasas e mesteiras
De cada casa com forno quente
Que matava a fome à gente
Nas cozinhas com lareiras!

Conta-nos Fão, baixinho,
A morte dos tuos corrijas.

E os cumes de duas águas
Cobertas a telha da Telheira
Com rebocos de barreira,
São hoje sandalés e mógois!

Narra-nos Fão, baixinho,
Onde páram as tuas cantarias?

E os teus granitos morenos
Por hábeis labristas feitos
Os canteiros mais perfeitos
Polidos por ventos sereños!

Confidencia-nos Fão, baixinho,
Como se moldavam os fectos em gesso!

Que eram ornamentados à mão
Por habilidosos esticadores
Pois os melhores trabalhadores
Existiram nesse torrão.

Descreve-nos Fão, baixinho,
As tuas cantigas de outora:

— Aquela mágica cultura
Que fez vibrar a velha gente —
Pois ainda a nove gente sente
Por ela tamanha formura...

Canta-nos Fão, baixinho,
Uma Ode do poeta teu.

Pois muitas ninfas inspiraram
No teu Cérvado benzajejo
Entre a sedução e o desejo
As cantigas que te brindaram.

Fala-nos Fão, baixinho,
dos teus velhos artesãos.

— Manufaturar sempre o tear,
Cintar e apertar nova dorna,
Afiar cinzéis na velha bigorna —
Até à hora de ceiar.

Segreda-nos Fão, baixinho,
Quantas indústrias viste ruir!...

Eram as tuas rodas torcendo
E as cordas sempre esticando
Rocas e fusos girando
Finos linhos iam tecendo.

Ora-nos Fão, baixinho,
Quantas nans viste partir!

Barra fora de velas ao vento
Partiram dos teus estaleiros,
Com carpinteiros e marinheiros
Contigo sempre no pensamento.

Comenta-nos por último,
em segredo
O que ninguém consegue saber:

Como eram os teus pastéis e cavacas
Guleças, fofimbas e docinhas
No salão de chá dos Clarinhas?
Quando eram pagas a potocast!...

Diz-nos, a todos...
Na tua Casa de Cultura...

... ou no teu Museu Histórico.

CASAMOVA

FÃO ESTÁ DOENTE

As «revistas» eram a maior possibilidade de protestar ou apoiar os acontecimentos de Fão e do Concelho. Por Fão, pelo Concelho e pelo País; a música, a côr e a cultura eram a afirmação de que Fão se orgulhava. Foi através das «revistas» que ao longo dos tempos o Povo de Fão marcou uma posição de destaque, comparativamente adiantada, relativamente a Esposende e às mais das redondezas... resta-nos o saudosismo da época porque esse nos perence. O salão paroquial era a casa a vaga passou e somos uma terra de povo dividido, ou indiferente, o que ainda é pior. o corte humano e material separou tudo e todos, e não tem um espaço alternativo para criar e dar continuidade. as decisões perentencem, infelizmente, à opinião de quem não tem raízes originais, ou colaborou na construção de um passado grandioso, que morre...

Quando Fão em uma das suas revistas perguntava «ONDE ESTÁS OH CASCALHO?» protestava e foi na convicção de que os resultados futuros fossem em favor de Fão, do Concelho e do País, tendo em conta como simbolismo representante impulsionador da evolução; a zona de Ofir... E humildemente assistimos à tomada exagerada de áreas circundantes aos Hotéis, privando-nos de acessos que (internacionalmente) pertenciam a Fão (roubando-nos) e a quem nos visita, áreas de lazer, miragens, parques, etc., etc., tudo anexado em troca (dizem) de turismo. Mas quando tomamos consciência do que aconteceu, reparamos que as empresas se sucedem e que o resultado é, apenas, o enriquecimento dos patrimónios empresariais.

E não se criou um espaço alternativo onde, quando cantávamos, devidamente organizados, pudéssemos protestar, ou apoiar...

Os resultados turísticos reflectem-se no quotidiano das zonas deles dependentes. E quando a máquina turística representante da Zona falha... somos nós as vítimas. Os Hotéis não têm turistas compatíveis com a sua real dimensão. Porquê? As pinturas exteriores sujas e inestéticas demonstram a falta de Amor e Brio profissional, apresentando-se aparentemente abandonadas. Porquê?

Nos jardins dos Hotéis não existem flores, mas ervas secas e abandonadas. Porquê?

De noite, é triste não se ver os Hotéis na sua verdadeira dimensão, já que a insuficiente luz privada, e a falta de iluminação pública capaz, não dão sequer, para ver a fachada. Somos levados a pensar que os hotéis escondem o seu interior e exterior, não o iluminando convenientemente não só para ocultar os seus fracassos materiais, mas também porque, apresentando um exterior escuro os turistas ficam retidos (convidando-os) a não transpôr a barreira negra que os separa do «mundo» exterior. A sensação de insegurança é mais que patente.

E se o Estado (por intermédio da «SIFIT» e não só... mete nestas Empresas (só nas grandes, é claro) centenas de milhar de contos, porque se admite essa situação?...

NÃO HÁ DÚVIDA QUE FÃO ESTÁ MESMO DOENTE.



TURISMO: QUE FUTURO?

Ao abordar este tema, não nos queremos referir somente à área turística que a nossa terra representa, mas sim ao todo que o nosso concelho encerra, embora diversificado em manceis que por isso mesmo o enriquecem.

Sem dúvida que o pivot da indústria turística no concelho é Ofir, pelo seu pioneirismo, pela sua variedade e ainda pelo nome que criou junto às operadoras internacionais que trabalham com Portugal. Mas em termos de propaganda, Ofir deve integrar a Zona *sui generis* de Apúlia pela fama dos seus sarga-ceiros, pela lufada da autenticidade na mostra um tanto artificial em outros grupos do nosso folclore, pela diversidade dos «comes e bebes» — alguns a ultrapassar louvavelmente uma fase amadora — e até por uma certa ruralidade ambiental. Essa ruralidade, que faz a delícia de certos apreciadores, verifica-se igualmente nas Marinhas e S. Bartolomeu do Mar. Esposende possui uma cobertura hoteleira razoável com o Suave-Mar a destacar-se na área concelhia pelo seu conforto, constante renovação e serviço de qualidade. É, sem dúvida, o hotel mais «novo» da região. O Hotel Nélia, deslocado já da zona estuarina, integra-se no coração da vila, o que às vezes podia constituir um factor negativo, mas que na realidade não o é. De facto a sua inserção numa ambiência citadina, por si mesmo constitui um factor de atracção e consequente distração. Por isso mesmo, a vila sede do concelho é visitada mais que uma vez pelos hóspedes de Ofir. É a atracção dos ares da cidade com que Esposende se assume num ou noutro pormenor.

Existe ainda a Estalagem Zende, com o nome ou a chancela de **Restaurante Martins** «ao peito» o que basta para lhe encher os amplos salões pelo menos aos fins de semana e não só. Portanto, rio, cidade e gastronomia, eis os trunfos com que a vila de Esposende joga nesta competição de atrair turistas ao concelho.

Finalmente Fão com um pinhal ainda bem conservado apesar das mafeitorias a que tem sido sujeito, entendendo-se como tal o corte selvagem de árvores e a esterqueira que abunda em alguns sítios. Em lugar de dizermos «alguns» podemos escrever «muitos». E ainda um belo rio a quem a força da maré oferece o cenário ideal para a prática de vários desportos. Fão nasceu com o rio a embalar-lhe o berço. Os peixes tão abundantes que outrora davam ou serviam de tributo à realza; hoje apenas manifestam a sua presença

e até com alta frequência na subida cíclica das águas. Está manifestamente poluído mas, como as autoridades afirmam a cada passo que ainda não se atingiram os níveis de periculosidade, esperemos por esses níveis. A propósito da poluição, não poderiam os municípios banhados pelo rio Cávado formar uma associação como aconteceu com as câmaras do vale do rio Ave o que lhes possibilitou assegurar um subsídio da CEE para a construção de três Etars?

Fão possui igualmente três estabelecimentos hoteleiros a quem foi possibilitada uma melhoria das suas instalações com um subsídio de 50% da zona de jogo, mas que não foi aproveitado por todos os proprietários. Dizem os entendidos que pelo menos de 15 em 15 anos as unidades hoteleiras deveriam proceder ao arranjo dos seus interiores, nomeadamente no que respeita à renovação do mobiliário para evitarem o risco de ficarem ultrapassados.

Enfim é este o quadro que temos para oferecer aos tradicionais mercados de Ofir, nomeadamente a Espanha, França, Inglaterra, Alemanha e Holanda.

Mas o universo é um organismo vivo e consequentemente modificável, e a economia, reflecte essa evolução que se traduz igualmente na actividade turística com novos fluxos e refluxos. O que era ontem óptimo já não é o hoje. Novos mercados abrem-se, outros estreitam-se e compete aos governos e sectores responsáveis do turismo adaptarem-se com proveito às novas situações. O *dejà vu* cede o passo a novos panoramas e a outras civilizações que despertam o acicate de serem visitados.

É certo que a Europa ainda detem 60% do movimento de chegadas turísticas, mas o *take-off* das viagens e ocupação hoteleira está a verificar-se em outros continentes. Na própria Europa, fendido o muro que nos separava dos chamados países de leste, outros destinos de lazer acenam a sua novidade aos fruidores de férias. Torna-se imperioso por isso abrir mais hotéis para que a oferta hoteleira portuguesa computada em apenas 1,6% da totalidade europeia, possa corresponder à avalanche propagandística que o nosso país e os respectivos sectores turísticos devem desencadear no mundo «novo» que se nos depara. É a hora de ultrapassar os compartimentos estanques do nosso movimento turístico e desencadear a oferta em largas regiões, zona norte, por exemplo, e não ape-

nas em limitadas secções, como Costa Verde, Alto Minho e quejandas. Repare-se no Algarve: é toda a região algarvia que se procura vender.

Abriam-se assim novos espaços geográficos, novos temas, diversidade de folclore, novas gentes e consequentemente novos produtos turísticos que acabariam por sensibilizar potenciais clientes.

Até ao ano 2000 o número de quatro vai aumentar 80% passando para 18,4 milhões.

Em nosso entender este acréscimo vai passar ao lado de Ofir.

INAUGURAÇÕES

Será inaugurada uma exposição de pintura «Naif», que terá lugar em Guimarães, no próximo dia 16, com trabalhos oferecidos para o Museu de Arte Primitiva Moderna daquela cidade, através da Galeria de Arte do Casino Estoril;

Será aberta uma Galeria (Xadrês das Artes), na cidade do Porto e que terá o apoio técnico do dr. Nuno Lima de Carvalho, director da Galeria de Arte do Casino Estoril.

DOENTES

Na Casa da Saúde da Boavista foi submetida a uma melindrosa operação Virgínia Silva Oliveira, a D. Gininha, esposa do nosso prezado amigo arquitecto Júlio.

A operação, a cargo do dr. Queirós de Faria, correu satisfatoriamente.

Fazemos votos para um pronto restabelecimento.

— Encontra-se doente, estando a receber tratamento num Instituto do Porto, o Presidente do Club Fãozense Américo Coutinho (Carvalho).

Todos os seus amigos, e é toda a malta frequentadora do Club Fãozense, fazem uma *forcinha* para que o Américo recupere e bem.

VAMOS CANTAR AS JANEIRAS

Todos nos lembramos das Janeiras o ano passado. Foi um êxito artístico e financeiro.

Para este ano não vemos indícios. Será que o acontecimento morreu ao nascer? Já em outro local afirmamos que a actual Junta tem sensibilidade para estas coisas. Reparem que nós não dizemos que a Autarquia só tem jeito para estas coisas. Para estas e outras, já se vê neste momento é isto que difere Fão de outras terras.

Então, vamos cantar as Janeiras?

Nota: se em meio dos ensaios ou já das actuações fôssemos prestar uma pequena homenagem à campã da Cândida Gaifém, tanto melhor.

 **Optica**
Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

B R A G A.

GABINETE DE CONTACTOLOGIA

SEDE: Rua da Misericórdia, 6 - 12 - Tel. 75777

FILIAL: C. C. Granjinhos, Loja 518 - Piso 2 - Tel. 612933

4700 BRAGA

FOLHA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



A CULTURA DO MELÃO

(Continuado do número anterior)

24 — DOENÇAS E SEU COMBATE

As principais doenças, que costumam atacar esta cultura, são:

- O ódio (*Erysiphechbotacearum DC*)
- A antracnose (*colletotrichum lagenarium*) (Pass) Ell w Halst.
- Míldio.
- Complexo fusariose-Verticilliose.

a) Oídio (*Erysiphechboracearum DC*)

A principal doença que ataca o melão, no nosso país é esta. O fungo, que provoca esta doença é *Erysiphechboracearum DC*. É extremamente perigoso, dando origem à destruição total dos melões, ou reduz a sua produção e qualidade dos frutos. Os sintomas nas folhas é de uma capa tênue, pulverulenta que forma manchas difusas, branco-acinzentadas, que se chegam a juntar para cobrir as pádinas superior e inferior.

Os primeiros sintomas aparecem na página inferior, logo que isto aconteça, deve iniciar-se de imediato os tratamentos. O produto mais indicado para o efeito é o Afugan na dose de 50/75 c. cúbicos de água em pulverização. Como preventivo pode usar-se com intervalos de 15 dias. No caso de curativo, convém reforçar a dose para 75/100 c.

cúbicos e fazer dois tratamentos intervalados.

5 a 7 dias, voltando a seguir a intervalos de 15 em 15 dias.

Convém, sempre que possível, usar variedades resistentes a este fungo.

As que se conhecem em Portugal são: do grupo *reticulatus*, o *cantalupo americano*, a P.M.R. n.º 45, a P.M.R. n.º 5 e a P.M.R. n.º 6.

b) Antracnose (*Colletotrichum lagenarium*) (Pass) Ell e Halst

Este fungo ataca também o melão, ao qual causa grandes prejuízos, nas folhas, caules e frutos. Os sintomas nas folhas apresentam manchas circulares de tonalidade amarela, que passam para castanho-avermelhada a seguir e com o centro rosado.

Quando atacam o caule, sobretudo em plantas jovens, é muito perigoso.

Se o ataque é nos frutos, estes ficam completamente depreciados pela sua deformação.

Os esporos deste fungo, podem ser retransmitidos pelas sementes do melão e ficam no terreno um a dois anos.

Convém fazer a desinfecção das sementes a seco com Kor 80 à razão de 250 a 500 g., para 100 Kg de sementes, ou com bicloreto de mercúrio, em soluções a 1 por mil, durante 10 minutos.

Há também conveniência em fazer rotações adequadas. Durante o ciclo vegetativo, os tratamentos para esta doença deverão ser feitos com produtos à base de cobre como: Vitigran, Sulfate Forte, ou Vitanebe C.

c) Míldio

Esta doença ataca menos esta cultura do que as anteriormente descritas. No entanto, quando as condições de humidade e temperatura são propícias, poderá causar grandes estragos, provocando a dessecação parcial, ou total das plantas, sobretudo quando ainda jovens.

Pode combater-se com produtos à base de mancozebe, como o Kor 30, à razão de 250 g. em cada 100 l. de água em pulverização.

d) Comp. Fusariose-Verticilliose

Este pode causar graves prejuízos nesta altura. O seu ataque provoca o murchamento progressivo do brotos e cbeça a afectar totalmente as plantas sobre as mais jovens. Como medidas preventivas, dever-se-ão fazer rotações de culturas, desinfecções do solo, das sementes, e usar variedades resistentes.

Como tratamento curativo, convém utilizar o «Previcur N» à razão de 150/200 c. cúbicos, juntamente com o Orto-difolatan ou o Fuclasin Ultra na dose de 200/250 gramas em cada 100 litros de água em pulverização, tendo o cuidado de molhar bem e abundantemente os colos das plantas. Os tratamentos devem ser feitos com o terreno húmido.

25 — COMPOSIÇÃO DOS FRUTOS

A composição do fruto do melão por cada 100 g. de polpa é de:

(Continua na pág. 10)

Basta®

a melhor alternativa

Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o Departamento de Agricultura da Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 60	66 70 51
TELEX	16 380	22 706
FAX	922 25 77	69 05 70
MORADA	APARTADO 6 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

Hoechst - um amigo na agricultura

Hoechst

Cap. Soc. 8 000 000 000 Esc. Reg. Com. Sítio n.º 1436

(Continuado da pág. 9)

a) Água	87/90	gramas
b) Hidratos de carbono	6,5	»
c) Gorduras	0,1	»
d) Proteínas	0,9	»
e) Vitaminas		
— A	483	unidades
— B1 Tiamina	0,06	mg.
— B2 Riboflavina	0,02	»
— C A. ascórbico	39	»
— Niacina	0,6	»
f) Minerais:		
— Cálcio	20	»
— Ferro	0,5	»
— Calorias	26	»
— Desperdícios	40%	

26 — COLHEITA

O melão, deve colher-se no preciso estágio de maturação. Se esta é incomple-

ta, o fruto não possui ainda a dose máxima de açúcar, nem o aroma próprio, pelo contrário, se estiver sobre maduro a polpa fica aquosa, perdendo qualidades e resistindo mal aos transportes.

Convém escolher o momento óptimo para a colheita, para evitar perda de qualidades, como é natural.

Deve ter-se em atenção algumas características externas para assim determinar a maturação mais conveniente.

Assim:

a) *Elasticidade dos tecidos junto ao pedúnculo.*

b) *Fendilbamento, que envolve o pedúnculo, junto ao fruto.*

c) *Viragem da cor, para o tom verde claro, ou o amarelado.*

d) *Quando os tecidos da zona oposta ao pedúnculo, cedem à pressão do dedo polegar e mudam de cor.*

Os frutos *devem ser colhidos ao cair*

da tarde, ou durante as primeiras horas da manhã.

NOVO
A MATÉRIA ORGÂNICA É A BASE DA FERTILIDADE
ESTREGUANO
É UM PRODUTO EXCLUSIVO DA
ESTRELA ADUBO
 Fábrica de Adubos Orgânicos, Lda
 Est. Res. 174 - Monte Lourenço
 Tel. 85366 Adubo P. - Tel. (022) 91282 - 61283
 Apart. 1048 - 3000 VISEU

CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR A3 / AM



PORMENOR DE QUEDA DE CALIBRADOR POR PÊSO



DESCARREGADOR E ELEVADOR



CALIBRADOR POR PÊSO 4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

TELEF. 044/81 23 22
 FAX 044/81 23 02
 TELEX 43811

SONDECA

APARTADO 12
 PARCEIROS
 2401 LEIRIA CODEX

Devem ficar com um pouco de pedúnculo, cerca de 2 centímetros.

Em Portugal, a colheita do melão inicia-se em Junho e termina em Outubro. Os rendimentos vão de 20 a 40 toneladas por hectare.

FIM

BINO GRÁFICA
 TIPOGRAFIA - OFFSET
 Albino Maio Baptista de Lima

PRAÇA JOÃO XXIII
 TELEFONE, 684318
 4490 PÓVOA DE VARZIM

DESPORTOPor **JOÃO PEDRAS****FUTEBOL****Camp. Reg. da 1.ª Divisão da A. F. de Braga**

Fão, 0 - Ribeirão, 1 (a 14 minutos do final o árbitro deu a partida por terminada, após ter anulado um golo que daria o empate à equipa da casa. Alegando não ter condições para continuar a mesma. Quanto a nós que assistimos ao jogo, achamos a atitude do árbitro deveras caricata, devido ao diálogo que teve com o bandeirinha que assinalou a pretensa falta. Pois que a seguir a este pormenor resolveu reatar o jogo validando o golo anteriormente anulado e devido à contestação do delegado dos visitantes, resolveu tomar a atitude acima descrita. E assim foi instaurado um inquérito ao Clube de Futebol de Fão por anomalias registadas no final do jogo mencionadas pelo árbitro no seu relatório, e, assim, o Clube de Futebol de Fão é que irá sofrer as consequências de toda aquela «palhaçada».

Outros resultados:

Esporões, 1 - Fão, 0; Fão, 1 - Lagense, 2; Águias da Graça, 4 - Fão, 0; Fão, 0 - Viatodos, 2.

Continuamos preocupados com os mais resultados que a equipa vem fazendo, mas temos que realçar que o futebol que pratica tem agradado só que não marcando golos, e sofrendo-os não é desta maneira que se ganham os jogos como é natural.

Esperamos e desejamos no próximo número dar notícias mais agradáveis sobre o nosso clube.

SEGUNDO TORNEIO DE FUTEBOL DE CINCO

O Troféu do melhor guarda-redes foi para a equipa Auto-Chapinhas e a taça disciplina é que foi para a equipa Agro-Pecuária de Barcelos. Estamos com esta rectificação a anular alguns dos erros que têm acontecido ultimamente nas crónicas desportivas e que não sendo culpa nossa mesmo assim pedimos desculpas.

PROFESSOR DOUTOR HIPÓLITO REIS

(Continuado da pág. 2)

vestigações Biológicas, do Conselho Superior de Investigações Científicas.

Posteriormente foi-lhe concedida outra bolsa de estudo, pelo Instituto de Alta Cultura que lhe possibilitou realizar investigações de 1 de Outubro a 31 de Dezembro de 1972 no Department of Biochemistry (Prof. W. Bartley da Universidade de Sheffield, sobre o condicionamento da cetogénese no período perinatal, no rato.

Em Setembro de 1975, a expensas suas, esteve no Brasil onde contactou, com vários departamentos científicos, inteirando-se dos trabalhos então em curso e dos métodos e técnicas utilizadas.

COLEGA E PROFESSOR

Referimos o seu currículo apenas até 1979, mas o afã investigador continuou e continua de par com a docência em Bioquímica e as consultas particulares.

Mas não queríamos finalizar este notável job description sem fixarmos o testemunho do seu concelhão (mesmo concelho) dr. Juvenal Silva: «*Intelectualmente, socialmente, filosoficamente, literariamente o doutor Hipólito Reis é um dos homens mais válidos do concelho de Esposende. No entanto continua a ser o «Zé fangueiro» de sempre: trata todas as pessoas com cordialidade, simplicidade, sem assomos de arrogância ou de imodéstia. Aprecio-o como médico e como professor impôs-me respeito. Como homem de cultura toca todos os saberes. É um filósofo na acepção etimológica do termo.*

O meu lamento é que só aparece valorizado fora da terra. Fão e o concelho ainda não dimensionaram o alcance do seu valor».

FALECIMENTOS

Faleceu em Fão Angelina Gomes Leandro, viúva do conhecido António de Agudoura.

— No início deste mês morreu o menino João André Araújo da Silva, filho do sr. João da Pastelaria Sport.

Os nossos pêsames e um abraço muito especial ao nosso amigo João da Silva.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tiã Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos SaraivaADMINISTRADORA:
Zita SaraivaREDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 - Fão
Telefones 961475 - 962150COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII - Telef. 684318Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fangueiro» através dos Correios será por conta do assinante.

**HOTEL DO PINHAL**

OFIR - FÃO - 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 96 14 73/4
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m², frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m², a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suítes e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaine des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; boite com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

O MUNDO EM QUE VIVEMOS

por E. REAL

A UM «MENINO JESUS» CRUCIFICADO

Nesta altura do ano em que se oferecem aos nossos olhos os mais variados e artísticos presépios, de onde nos sorri, gordinho e rosado, o Deus-Menino, eu penso em ti.

Também tu nasceste em Dezembro. Também o teu cabelo era graciosamente anelado, como o de Jesus Pequenino. Mas não tinhas as suas faces coradinhas: as tuas eram emaciadas por um sofrimento precoce. Nem tinhas o seu sorriso confiante e feliz, mas o rictus, a expressão vincada e amarga de uma agonia antecipada.

Não vi a tua imagem num presépio, mas numa cama de hospital. Não te aquecia o bafo de mansos animais, mas ligava-te à vida uma série de tubos e uma máquina. Não se debruçavam sobre ti, carinhosamente, os rostos enternecidos de teus pais, mas as batas brancas e os olhos preocupados e compassivos de médicos e enfermeiras.

Também Jesus, exactamente na tua idade, teve a vida ameaçada pela «Matança dos Inocentes». Salvou-se porque o Seu destino era outro e havia que o cumprir. Tu sucumbiste, indefeso, a uma nova e mais requintadamente cruel «matança de inocentes», que vai alastrando — nódoa sinistra e repugnante — através de uma sociedade que se demarca dos seus valores autênticos, que se demarca das suas responsabilidades.

Vi na Televisão, o teu corpinho tão frágil e tão selvaticamente lacerado. Eram os estigmas do teu Calvário, precocemente vivido. Eram as chagas de uma invisível Cruz

que arrastaste e sofreste na inculpabilidade dos teus anos incompletos.

Vi, depois, a serena expressão do teu rostinho ferido, pouco antes de te desligarem da máquina. Compreendi então, com alívio imenso, que tu já não estavas ali, que ninguém mais poderia fazer-te mal.

Creio profundamente que estavas já num outro lugar, onde os mesmos braços maternais que embalaram o Menino Jesus se estendiam amorosamente para ti e que neles estavas, finalmente, em paz.

Agora, que na maioria dos lares se arma o presépio, eu deixo aqui a vocação do teu sacrifício dolorosamente imerecido na esperança de que, na Noite Santa, quando olbarem o Menino-Jesus, no seu Presépio, todas as Mães te imaginem desitadinho a Seu lado, nas palhinhas tenras, e te guardem, carinhosamente, num cantinho do seu coração.

LIVRE TRÂNSITO

Os bombeiros de Fão constituem um motivo de orgulho para a terra. Estão sempre disponíveis para qualquer missão de ajuda ao seu próximo. E tudo em regime de voluntariado. E tudo com uma dedicação à sua associação. Iriamos dizer que há bombeiros que passam todo o seu tempo livre junto ao seu quartel. Repare-se que sempre que passamos no Largo Avelino Carneiro deparamos com um grupo de voluntários que não sabem estar noutro sítio a não ser à porta do seu quartel.

Engrandecem e realizam assim o espírito de corpo. Fazem já um núcleo, um socairinho que entre eles reforça a amizade entre os seus membros.

Seria bom que um dos próximos jantares (Natal), que é feito em sua honra, fosse aberto a todos quantos pretendem com a sua presença homenagear estes abnegados moços. (Nos Bombeiros não há gente velha: todos têm espírito jovem.)

Do mesmo modo alertamos que aos jovens moradores do Largo do Cais a Direcção do C.F. de Fão oferece um livre-trânsito. Seria mais uma forma de reconhecer a sua espontânea prestabilidade.

★

Por falarmos em Bombeiros, não haverá forma de reaver a famosa parabólica que foi levada, tirada, «roubada» pela P.J.?

É que há muitas câmaras que já conseguiram reaver ou pelo menos pôr a funcionar as parabólicas que lhes foram «desviadas» num período de desvairada «econoclastia».

LIGA DOS BOMBEIROS PORTUGUESES REUNE EM ESPOSENDE

«Haverá da parte do Governo uma postura clara de abertura às perspectivas sobre a problemática ligada às actividades desenvolvidas pelas vossas instituições desde as temáticas globais de socorrismo e de voluntariado às matérias menos abrangentes que preenchem o quotidiano e se revelam susceptíveis de medidas potenciadoras de soluções adequadas», prometeu o Secretário de Estado de Administração Interna na sessão de encerramento na Assembleia de Delegados da Liga dos Bombeiros Portugueses realizada em finais do mês passado em Esposende.

Os trabalhos iniciaram-se com uma Sessão de Abertura presidida pelo Presidente da Mesa dos Congressos, Rev. P.e Dr. Vitor Miticias.

Às 19,30 horas decorreu uma Sessão de Encerramento a que presidiu o Secretário de Estado de Administração Interna, dr. Carlos Loureiro.

No início de Janeiro realizar-se-á uma Jornada de Trabalho tendo ainda por tema os Bombeiros. Nas conclusões avulta a preocupação de se criar um Seguro de Acidentes Pessoais, em ordem a que os Bombeiros Portugueses vejam assegurados os seus mais legítimos direitos relativamente aos que assumem em prol da comunidade que servem. Os incêndios da floresta foi outro tema bastante insistido, solicitando-se «uma definição de estratégias sobre os meios aéreos» e que o orçamento S.N.B. consagre para 1992 uma subida específica para o combate aos Fogos Florestais.

O programa social, destinado aos acompanhantes dos Delegados incluiu uma visita aos pontos de interesse turístico do concelho de Esposende, de Viana do Castelo, Ponte de Lima e Barcelos.

A todos os participantes e acompanhantes foram oferecidos sacos com lembranças:

Vinhos Verdes ofertas das Quinta da Seara (Palmeira), de Curvos (S. Cláudio) e de Gumerendo da C. Rodrigues (Forjães).

Produtos acabados das empresas Figueiredo & Moraes, de Apúlia e Grupo Quinta e Costa de Gois (Marinhas).

Doce «Clarinhas» de Fão, oferta da Associação dos B.V. de Fão.

ILUMINAÇÕES DE NATAL

Para estas coisas aparentemente sem importância — mas que têm muita — a actual Junta está no seu «quintal». Referimo-nos à iluminação das ruas de Fão, ou de algumas, com motivos adequados à quadra do Natal que está a chegar.

Estamos convencidos que a nossa autarquia desencadeará essa iniciativa, ela terá o melhor acolhimento da parte dos comerciantes da terra, pois todos sabem que quando é preciso fazer coisas «à Fão» ninguém vira as costas.

OUTONO

as primeiras chuvas as primeiras rugas
a última flor o último amor
a uva madura o sabor do mosto
perfume da terra o ocaso no rosto
e um neto a caminho que vem apressado
no labor do vinho os homens suados
a côr das castanhas as ovelhas prenhes
o cheiro do sangue da matança gorda
o fumeiro cheiro coentros na açorda
crisântemos roxos lírios amarelos
painéis de cobre doce de marmelos
o dia que acaba mais cedo e mais frio
a água que engrossa no leito do rio
correr as cortinas espertar a lareira
varrer a folhagem que dança na eira
livrar no beiral que se estrague o ninho
que durante meses vai ficar sozinho
fechar essa porta que range no vento
guardar as lembranças no bragal do tempo
colher a ternura que o verão maduro
esquecer o viço que já se gastou
embalar a esperança que o porvir nos traz
madrugar sorrindo pernoitar em paz

ODETTE PYROTO

91/10/07

91/11/15

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO